

# Criação poética em língua italiana e sua tradução comentada: cinco poemas inéditos de Vera Lúcia de Oliveira

Vera Lúcia de Oliveira (Poemas)\*

Pedro Henrique Pereira Graziano (Tradução e Comentários)\*\*

De maneira inédita, neste volume da revista *Olho d'água*, criamos esta seção de produções literárias com o intuito de divulgar não apenas textos de natureza teórica e crítica quanto à Literatura italiana, mas também o próprio fazer literário.

Para publicação neste dossiê, foram traduzidos cinco poemas da poeta e professora universitária Vera Lúcia de Oliveira, que é Doutora em Línguas e Literaturas Ibéricas e Ibero-americanas pela *Università degli Studi di Palermo* e atua como docente e orientadora na *Università degli Studi di Perugia*, na região da Úmbria – Itália. São poemas inéditos da autora, parte da antologia *Ero fra calda gente in un caldo paese*.

Selecionamos cinco textos poéticos, que foram traduzidos. Em seguida, tivemos a oportunidade de comentar a tradução de cada um deles diretamente com a poeta, que participou de um processo de revisão crítica junto ao tradutor, Pedro Henrique Pereira Graziano, e algumas destas reflexões são aqui abordadas ao apresentarmos os poemas no original acompanhados de suas traduções para o português do Brasil.

O primeiro aspecto discutido com Vera Lúcia foi o título da coletânea: *Ero fra calda gente in un caldo paese*, que cria algumas dificuldades tradutórias, sobretudo quanto à palavra “*paese*”, que pode ter a acepção não apenas de “país”, mas também de “cidade” ou “região”. Devido ao impasse gerado pela palavra, optamos pela tradução de “*paese*” como “lugar”, resolvendo o conflito tradutório gerado pela palavra italiana.

Além disso, em diálogo com a autora, concluímos que “*caldo*”, no contexto geral da obra, que objetiva trabalhar a luminosidade e a leveza, deveria ser traduzido como “luminoso”, e não “caloroso”. Desta forma chegamos ao título *Estava entre pessoas luminosas num lugar luminoso*. Os cinco textos presentes dialogam com esta leveza e luminosidade que nos levaram à escolha do título.

---

\* Poeta e docente na Università degli Studi di Perugia – Úmbria – Itália. E-mail: veralucia.deoliveira@unipg.it

\*\* Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp – câmpus de São José do Rio Preto – São José do Rio Preto – SP – Brasil. E-mail: pedro.graziano@hotmail.com

Após a apresentação dos poemas e de suas traduções, damos destaque, nos comentários, a algumas nuances tradutórias que foram levadas em consideração tanto no momento da tradução quanto na discussão dos resultados realizada com a autora.

#### Poema 1:

<i>si era circondata di verde</i>	cercara-se de verde
<i>anche la finestra aveva fatto</i>	até mesmo a janela fizera
<i>ingrandire</i>	aumentar
<i>per avere l'impressione</i>	para ter a impressão
<i>di avere radici</i>	de ter raízes
<i>salde nella terra</i>	fundas na terra

#### Poema 2:

<i>aveva un orecchio</i>	tinha ouvido
<i>per cose minute</i>	para coisas miúdas
<i>i fiori nascono</i>	as flores nascem
<i>senza rumore</i>	sem rumor
<i>i semi spezzano</i>	as sementes rompem
<i>la crosta marrone</i>	a crosta marrom
<i>la notte ha orme</i>	a noite tem pegadas
<i>di zampe silenziose</i>	de patas silenciosas
<i>il vento ha dentro</i>	o vento tem em si
<i>parole sommesse</i>	palavras sussurradas
<i>che vagano</i>	que vagam
<i>senza posa</i>	sem pausa

Como nos demais textos poéticos que compõem a coletânea, nestes existe uma relação sutil entre elementos da natureza e sua percepção sensorial com imagens sinestésicas. Relaciona-se o nascimento das flores com a audição, assim como as pegadas têm som. O vento, além de sua percepção tátil, tem-lhe atribuída também a percepção sonora dos sussurros. Todo o corpo do poema constrói aliterações com sons em “s”, como o vento da noite que carrega consigo palavras. A tradução do italiano para o português permite a manutenção de vários sons sem grandes perdas de sentido. Em trechos como “*di zampe silenziose*”, traduzido como “de patas silenciosas”, ainda que haja uma alteração da sonoridade que se repete, vista a diferença entre o som de “z” no italiano e “s” em português, a sonoridade se mantém.

Em diálogo com a autora, chegamos a traduções que privilegiaram ainda mais a manutenção dos sons, como no caso do verso “*il vento ha dentro*”, que foi traduzido como “o vento tem em si”, mantendo, desta forma, a aliteração presente em quase todos os últimos versos do poema, e aumentando a percepção de sons sutilmente sussurrados.

### Poema 3

*se è stato per il colore del vento  
che sono nata, per il rumore delle  
foglie accese di luce, l'aria che si  
muove fra i panni bianchi sui fili  
la sera che sembra non scorrere  
il midollo del tempo, questa vita  
in estasi, questo corpo ardente  
questo sguardo lucido  
sul nucleo di tutto*

se foi pela cor do vento  
que nasci, pelo som das  
folhas acesas de luz, o ar que se  
move entre os lençóis brancos sobre os fios  
a tarde que parece não fluir  
a medula do tempo, esta vida  
em êxtase, este corpo ardente  
este olhar lúcido  
no núcleo de tudo

Assim como no poema anterior, neste foi construída uma aliteração com a consonante “s”, retomando a ideia do vento, elemento comum em muitos dos textos que compõem a coletânea inédita. Novamente, em português há um número maior desta aliteração pela própria natureza fonética da língua, contando com uma presença maior do som em questão.

Nos versos “*foglie accese di luce, l'aria che si / muove fra i panni bianchi sui fili*”, traduzidos como “folhas acesas de luz, o ar que se / move entre os lençóis brancos sobre os fios”, pode-se notar um maior volume da sonoridade sibilante que pode evocar, na mente do leitor, a ideia do vento que passa e zune, produzindo um som sibilante.

Houve discussões frutíferas com a poeta a respeito de escolhas lexicais durante o processo da tradução. O sentido transmitido por “*panni*” traz mais de uma acepção para o português, como “pano”, “lençol” ou “roupas”. A imagem que a poeta declarou ter buscado vincular ao texto foi a de longos lençóis que tremulam devido ao vento do fim de tarde, o que gerou nova discussão: a tradução do termo “*sera*”, que pode ser compreendido como “tarde” ou “noite”, no português. Devido ao conjunto imagético que se constrói ao longo da obra desde seu título, que se refere a pessoas e lugares luminosos, a “*sera*” deveria ser entendida como um final luminoso de tarde e não primeira parte da noite (sem luz, portanto).

### Poema 4:

*le rondini sono tornate  
ai cornicioni di casa*

as andorinhas voltaram  
aos caibros de casa

*volano come se avessero il cielo  
tutto per loro*

Voam como se o céu  
inteiro fosse delas

*una è partita in picchiata  
passando rasente al muro  
potevo quasi allungare la mano  
e saggiare il colore  
del volo*

uma partiu em rasante  
rente ao muro  
eu podia até estender a mão  
e sentir a cor  
do voo

Também neste texto poético está presente a construção de figuras sinestésicas. Na última estrofe, quando o voo do pássaro é descrito, é dito que é possível esticar a mão para

experimentar este voo. O verbo utilizado em italiano é “*saggiare*”, que tem múltiplas acepções em português para designar modos de perceber, saborear, experimentar algo. Houve uma dúvida, discutida com a autora, sobre o uso de “provar”, “experimentar”, “perceber” ou “sentir”. Optamos pelo uso de “sentir” como melhor escolha tradutória, tanto pela musicalidade quanto pela amplitude de significados que a palavra tem em língua portuguesa, de modo que “sentir” uma cor poderia fazer referência também a múltiplas experiências sensoriais.

#### Poema 5:

<i>pensava al vento e alle sue distanze</i>	pensava no vento e em suas distâncias
<i>pensava alle ali degli uccelli migratori</i>	pensava nas asas dos pássaros migratórios
<i>pensava alle foglie staccate dai tronchi</i>	pensava nas folhas arrancadas dos troncos
<i>pensava alle farfalle alle rondini</i>	pensava nas borboletas nas andorinhas
<i>a tutti quelli che tornano</i>	em todos os que que voltam
<i>dopo aver varcato</i>	depois de terem atravessado
<i>qualche porto distante</i>	algum porto distante

O último poema selecionado para constituir esta seção de tradução comentada trata igualmente do vento juntamente com imagens leves, capazes de levantarem voo ou de serem carregadas por este vento, como as “folhas arrancadas dos troncos”; “as borboletas”; “as andorinhas. O pensamento figuraria como o lar destas imagens leves, um pensamento que flui da mesma forma como o vento neste cenário luminoso que se constrói ao longo dos versos e estrofes da coletânea da poeta. Houve pequenas diferenças lexicais durante a tradução do poema, como a dificuldade com o verbo “*varcare*”, traduzido como “atravessar” para manter a ideia de travessia, além de contribuir para a musicalidade e aliteração em “s” no texto.

Realizar a tradução desses poemas constituiu, além de um desafio, devido à linguagem figurada e onírica característica do gênero textual e também presente nos textos da autora, uma atividade enriquecedora e prazerosa. A oportunidade de ter o contato com esses textos inéditos e poder discuti-los diretamente com a poeta Vera Lúcia de Oliveira, que se mostrou bastante solícita e empolgada com o projeto, faz desta seção uma realização única tanto para o volume relativo à literatura italiana da revista *Olho d'água* quanto para o tradutor. Raras são as oportunidades de discutir o texto traduzido diretamente com aqueles que os idealizaram em primeiro lugar, e é uma grande alegria poder compartilhar este momento nesta publicação.

Recebido em: 02 nov. 2018

Aceito em: 05 dez. 2018